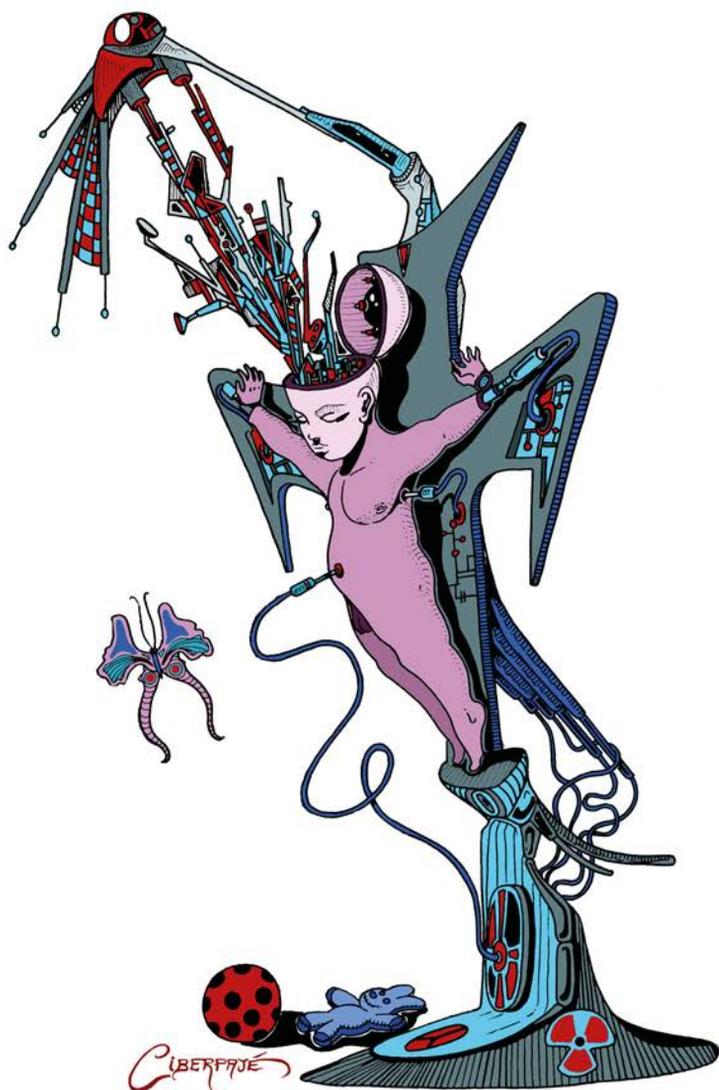


Giovane Corrêa Rojas

# ARTLECTOS E PÓS-HUMANOS

Da Aurora Pós-humana às novas configurações sociais



Giovane Corrêa Rojas

# ARTLECTOS E PÓS-HUMANOS

Da Aurora Pós-humana às novas configurações sociais



Marca de Fantasia  
Paraíba, 2020

# Artlectos e Pós-humanos: da Aurora Pós-humana às novas configurações sociais

Giovane Corrêa Rojas

2020 - Série Quadrinhos Poético-filosóficos, I I



**MARCA DE FANTASIA**

Rua Maria Elizabeth, 87/407  
João Pessoa, PB. 58045-180. Brasil  
marcadedefantasia@gmail.com  
<https://www.marcadedefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Editor/Designer: Henrique Magalhães

## Conselho Editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB;  
Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP;  
Gazy Andraus, Pós-doutoramento na FAV-UFG; Heraldo Aparecido Silva - UFPI;  
José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN; Marcos Nicolau - UFPB;  
Marina Magalhães - Universidade Losófona do Porto; Nílton Milanez - UESB;  
Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP;  
Waldomiro Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB

Capa: HM sobre arte de Edgar Franco

Livro baseado no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A arte sequencial poético-filosófica de Artlectos e Pós-humanos: as novas configurações sociais e subjetivas da era do hiper e a Aurora Pós-humana de Edgar Franco” apresentado pelo autor no Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS, sob orientação do Professor Dr. Gilson Vedoin. Em Jardim, MS, 2019.

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

---

ISBN 978-65-86031-10-2

TALVEZ A PÓS-HUMANIDADE  
PRESCINDA DE HUMANOS, E O  
SILÊNCIO ETERNO DE NOSSA  
ESPÉCIE SEJA UMA MELODIA  
PARA O COSMOS.



# Sumário

Prefácio	6
Apresentação	10
Introdução	13
Capítulo I	16
As novas configurações sociais e pessoais da era do hiper e a Aurora Pós-humana de Edgar Franco	
Capítulo II	28
Por uma leitura de Artlectos e Pós-humanos, de Edgar Franco, o Ciberpajé	
Considerações finais	48
Referências	51
Anexos	53

# Prefácio

Por Gilson Vedoin

Este livro é resultado de uma pesquisa elaborada como trabalho de conclusão do curso de Letras – Habilitação Português/Inglês, desenvolvido em 2018 e apresentado em fins de 2019, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na Unidade Universitária de Jardim. A ideia foi gestada a partir das discussões apresentadas na disciplina de Teoria Literária II, que enfocava aspectos estruturais da narrativa, e foi sedimentada a partir das fundamentações teóricas levadas a cabo nas aulas de Literatura Brasileira Contemporânea. Fundamentações essas que priorizavam as teorias do contemporâneo, sobretudo as noções de individualidade, dinâmica espacial e temporalidade, sempre imersas na lógica de uma cultura hipermoderna e hiperconsumista, em que as noções do SER foram gradativamente sendo suplantadas pelo TER e PARECER.

Nesse ponto, a escolha de algumas narrativas presentes em *Art-lectos & Pós-humanos*, de Edgar Franco se deu de maneira pertinente e acertada, uma vez que sua arte e seu conceito de “Aurora Pós-Humana” evidenciam de maneira consistente uma realidade

---

Gilson Vedoin é Pós-Doutor em Letras: Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2019). Doutor em Estudos Literários pelo Programa de pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (2017). Professor Assistente do quadro efetivo da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Jardim.

material em vias de dissolução pelo avanço exacerbado de uma era tecnocrática balizada pelo capital científico e tecnológico.

Assim sendo, ao utilizar como suporte teórico autores como Zygmunt Bauman, Jean Baudrillard, Donna J. Haraway, Gilles Lipovetsky e o próprio Franco para proceder a análise da “Aurora pós-humana”, o trabalho de Giovane Corrêa Rojas muito mais do que fornecer respostas acabadas e monolíticas, acaba por instigar uma série de questionamentos de ordem social, moral e cultural que afligem a contemporaneidade – a desumanização imposta pelo avanço tecnológico nas sociedades hiperconsumistas, em que a individualidade e o isolamento conduziram ao abandono gradual da realidade, a renegação do corpo e das identidades, fatores que inscreveram uma nova etapa de uma humanidade cada vez mais desvinculada de si e do mundo a sua volta, imersa na simulação e na busca incessante por inovações que continuam trazendo consigo fantasmas arcaicos de outras eras e toda sua forma de extremismos e fundamentalismos.

Enfim, trata-se de um trabalho em que o enfoque teórico utilizado se complementa com a atitude crítica do autor, uma vez que como já atentava Jean-François Lyotard em *A condição pós-moderna*, se as metas-narrativas do saber moderno entraram em colapso, em crise discursiva por não conseguirem mais dar uma resposta viável ao mundo globalista e tecnocrata, avesso ao cartesianismo reducionista e às explicações de viés “cosmogônico-totalizante” que norteavam os grandes sistemas histórico-filosóficos embasados no progresso iluminista e na argúcia do saber humano, a arte de Edgar Franco se insurge não como mero diagnóstico, mas como mais um sintoma desse período instável e contingente, aberto a questionamentos plurais e explicações múltiplas. Posição essa assumida pelo próprio

Franco, em seu livro *Conversas com o Ciberpajé: Vida, arte, magia e transcendência*, de 2019:

Vivemos na era da hiperinformação, a quantidade de mensagens disseminadas globalmente em um único segundo hoje é maior do que a disseminada em 500 anos se retrocedermos ao início da Idade Média. Como ser relevante nesse contexto? Dentre tanto lixo informacional pululando nas telas de smartphones? Durante milênios o desafio da humanidade era o acesso à informação para torná-la conhecimento. Atualmente o desafio é diferente, é conseguir transformar o excesso informacional em algo útil e transformador, é navegar dentre o lixo quase absoluto da hiperinformação. E mesmo nesse contexto ainda percebe-se o domínio das velhas ratazanas mercantilistas, muito sutilmente a informação que ganha destaque continua sendo produzida por eles, é só observar o escândalo recente das fake news e pós-verdades auxiliando na eleição de grupos neofascistas em quase todos os continentes do globo. O poder desses grupos elitistas monetaristas transforma qualquer falácia em verdade, por isso assistimos a ideia de uma “Terra plana” retornar à pauta de discussão, o “aquecimento global” ser tratado como mentira e mitificação, o nazismo ser taxado de fenômeno de esquerda, entre outras atrocidades ideológicas. A minha capacidade de tocar as pessoas nesse contexto insano de oceanos de informação é absurdamente restrita! Por isso não me preocupo com quantidades, o papel de minhas reflexões e criações é primordialmente a minha autorevolução, minha autotransformação, caso ela eventualmente chegue a mais algumas pessoas, isso será ótimo, mas não alimento pretensões vãs de transformar o mundo. Só posso transformar efetivamente o meu mundo, a minha floresta interior! (FRANCO; BARROS, 2019, p. 96-97).

Como diz Edgar Franco, a compreensão desse mundo contemporâneo, cada vez mais volátil e contingente passará primeiro pelo questionamento da sua “floresta interior”, e isso o trabalho de Giovane Corrêa Rojas almejou... adentrar um pouco na vasta floresta interior desse artista e de sua instigante obra. E ao me dispor a orientar esse trabalho, adentrando juntamente com o autor as veredas da floresta interior do artista Edgar Franco, consegui vislumbrar algumas marcas e pegadas que por ora irão me auxiliar na busca para tentar compreender essas novas configurações sociais e humanas dessa era hiper que nos desafia constantemente sem fornecer respostas apaziguadoras.

# Apresentação

Por Ciberpajé

Conheci o professor Pós-Doutor Gilson Vedoin em um lançamento que fiz do álbum em quadrinhos *Retrogênese* no Armazém do Livro, em Goiânia, no ano de 2015. Vedoin demonstrou muito entusiasmo pela obra, criação minha em parceria com o quadrinhista Al Greco, e conversamos sobre interesses comuns. Na ocasião ele contou-me sobre o Doutorado em Letras que realizava na UFG – Universidade Federal de Goiás, e que era professor da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Tornamo-nos amigos e Gilson passou a comparecer em minhas palestras e lançamentos de quadrinhos, sempre prestigiando minhas obras. Em 2017 fui convidado por ele para ministrar uma palestra no Programa de Pós-graduação em Letras – Literatura e Crítica Literária – da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no contexto do grupo de trabalho (GT) Estéticas Modernas e Contemporâneas coordenado pela professora Cida Rodrigues, o qual Vedoin integrava e onde posteriormente cursou pós-doutorado. Nessa palestra abordei aspectos da

---

O Ciberpajé, também conhecido como Edgar Franco, é um ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação. Livre de dogmas e verdades, magista psiconauta pronto a experimentar a novidade, focado em viver o único momento que existe: o agora. Artista transmídia com premiações nas áreas de quadrinhos e arte e tecnologia. É um dos pioneiros brasileiros do gênero poético-filosófico de quadrinhos, e mentor da banda performática Posthuman Tantra. Pesquisador criador do termo HQtrônicas, autor de 4 livros acadêmicos e inúmeros artigos, pós-doutor em Arte e Tecnociência pela UnB, doutor em Artes pela USP, mestre em Multimeios pela Unicamp, e professor permanente do Programa de Doutorado em Arte e Cultura Visual da UFG, em Goiânia.

arte em tempos hipermodernos em minhas produções quadrinhísticas e performances, apresentando conexões que eu exploraria depois mais profundamente em meu pós-doutorado em artes no Instituto de Artes da UNESP.

Essa conexão acadêmica entre nós ampliou o interesse de Gilson por minhas obras e por meu universo ficcional transmídia da “Aurora Pós-humana”, e ele adquiriu quadrinhos meus anteriores ao início de nossa amizade chegando então à revista *Artlectos e Pós-humanos*, atualmente editada pela Marca de Fantasia. Vedoin conclui com brilhantismo o seu doutorado na UFG e retornou à cidade de Jardim, no Mato Grosso do Sul, retomando sua atividade docente no Curso de Letras com habilitação em Português/Inglês, da UEMS. Em certa ocasião contou-me que estava apresentando aos alunos de graduação algumas de minhas obras, o que me deixou muito alegre e entusiasmado.

No início de 2019 Gilson contactou-me para dizer que um de seus orientandos de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC em Letras, Giovane Corrêa Rojas, desenvolveria uma pesquisa sobre meus quadrinhos, enfocando a “Aurora Pós-humana” em reflexões sobre a condição contemporânea a partir de histórias em quadrinhos selecionadas dos dois primeiros números da minha revista *Artlectos e Pós-humanos*. Fiquei especialmente emocionado pela chance de ver minha obra analisada por um jovem pesquisador tendo como base os estudos de literatura brasileira contemporânea e teoria literária, tão bem conduzidos em disciplinas ministradas pelo orientador da investigação.

Durante todo o ano de 2019 soube, a partir de relatos do orientador, dos desdobramentos da pesquisa e aumentei minhas expectativas para conhecer os resultados dessa singular investigação. Então, em novembro, pude ler o trabalho completo e confesso que fui sur-

preendido pela qualidade da abordagem, pela seleção seminal das referências bibliográficas que balizaram a pesquisa e principalmente pela sagacidade certa das análises das HQs selecionadas. Percebi que a leitura do TCC trazia uma nova luz ao significado essencial de algumas de minhas HQs, e que o ineditismo e profundidade dessas análises não poderia ficar restrito ao âmbito da UEMS, merecendo uma publicação em formato livro para chegar a mais leitores. Enviei o volume ao editor Henrique Magalhães que logo percebeu a importância da obra e prontificou-se a editá-la pela Marca de Fantasia, como livro integrante da série “Quadrinhos Poético-filosóficos”.

A leitura desse livro torna-se ainda mais instigante pela inclusão completa das HQs analisadas por Giovane Rojas. Aproveito essa apresentação para agradecer-lo pela seriedade e entusiasmo com que conduziu sua pesquisa; também ao seu orientador Gilson Vedoin, pela percepção sensível da unicidade de minhas obras; e finalmente ao editor Henrique Magalhães, por incentivar sempre com entusiasmo as investigações sobre os quadrinhos poético-filosóficos. Que esse livro instigue seus leitores a refletirem sobre a condição de nossa espécie no contexto atual hiperinformacional transumano.

## Introdução

A produção artística e multimidiática de Edgar Franco, o *Ciberpajé*, tem se notabilizado por trazer ao campo da arte o conceito de *Aurora Pós-Humana*, que se trata de um universo transmídia de ficção científica distópica em que a realidade material que conhecemos encontra-se em processo de dissolução e a espécie humana em vias de extinção a partir das reconfigurações corpóreas e mentais operadas pelo avanço exacerbado da ciência e da tecnologia. Conforme Donna J. Haraway, em seu emblemático manifesto escrito na metade dos anos 80:

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. Nas tradições da ciência e da política ocidentais (a tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso; a tradição da apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura; a tradição da reprodução do eu a partir dos reflexos do outro), a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras. As coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação (HARAWAY, 2000, p. 37).

Tomando como ponto de reflexão esse universo, o referido trabalho pretende evidenciar como se realiza, através dos recursos expressivos presentes em quatro narrativas curtas que integram a revista *Artlectos e Pós-humanos* – atualmente na décima terceira

edição – a problematização de um contemporâneo cada vez mais em desagregação, visto por Zigmunt Bauman (2008) como uma era de excessos, em constante aceleração, e criando assim, novas regras, novos códigos, novos símbolos, buscando outros caminhos – nem sempre obedecendo os preceitos éticos e morais – para curar as feridas que desde sempre, embora sob novas configurações, angustiam e continuam angustiano um homem que se move num mundo já sem referentes. Nas palavras de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy:

Ninguém melhor do que Nietzsche conseguiu teorizar a angústia do homem moderno diante da “morte de Deus”. Mais nada é verdadeiro, mais nada é bom: quando os valores superiores perderam o direito de dirigir a existência, o homem ficou sozinho com a vida. Enquanto o sentimento de vazio aumenta, multiplicam-se comportamentos inebriantes para escapar à noite de um mundo sem valor, ao abismo da falta de objetivo e de sentido. Isso posto, esse modelo que sublinha o fundamento ontológico da crise do mundo moderno é uma etapa que agora se acha transposta. Pois a desorientação contemporânea não resulta mais apenas da depreciação dos valores superiores e da ruína dos fundamentos metafísicos do saber, da lei e do poder, mas da desintegração dos pontos de referência sociais mais comuns, mais “básicos”, provocada pela nova organização do mundo (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 31).

De fato, através dessas pequenas histórias deslocadas para esse universo da chamada *Aurora Pós-Humana*, é possível perceber toda uma série de questionamentos de ordem social, moral e cultural que afligem a contemporaneidade – a desumanização imposta pelo avanço tecnológico nas sociedades hiperconsumistas, em que a individualidade e o isolamento conduziram ao abandono gradual da realidade, o colapso ambiental, a renegação do corpo e das identidades, fatores que inscreveram uma nova etapa de uma humanidade cada vez mais desvinculada de si e do mundo a sua volta, imersa na

simulação e na busca incessante por inovações que continuam trazendo consigo fantasmas arcaicos de outras eras e toda sua forma de extremismos e fundamentalismos.

E ao nos debruçarmos sobre essas pequenas narrativas, será imprescindível analisar a parte estética delas, tais como o uso dos diálogos implícitos nas imagens, os recursos expressivos e seus significados no contexto tecno-científico-distópico proposto pelo autor.

Nesse sentido, o presente trabalho, de cunho bibliográfico, apresenta como objetivo geral evidenciar como o *corpus* em questão realiza, através de seus recursos expressivos, a problematização do contemporâneo através dos temas contidos nessas narrativas integrantes do universo da “Aurora pós-humana”. Para isso, também será necessário discorrer sobre os conceitos de “arte sequencial poético-filosófica” e de “aurora pós-humana”, desenvolvidos na poética de Edgar Franco, retomar a teorização acerca da contemporaneidade contida também nas formulações de Zygmunt Bauman, Jean Baudrillard e Gilles Lipovetsky sobre hiperconsumo, narcisismo tecnológico, dissolução do corpo e das subjetividades e cultura de excessos.

Para tanto, o trabalho se divide em duas partes. A primeira, de cunho mais teórico e expositivo faz uma retomada dos conceitos chaves presentes na poética de Franco e estabelece pontos de contato e fusão com os preceitos teóricos de pensadores do contemporâneo tais como Bauman, Baudrillard e Lipovetsky. O segundo capítulo, de teor analítico, procurará se debruçar sobre o *corpus* escolhido, evidenciando sua relação com a teoria proposta.

## Capítulo I

# As novas configurações sociais e subjetivas da era do hiper e a Aurora Pós-humana de Edgar Franco

*Somos amputados de nosso próprio corpo e de nossas ideias. Em contrapartida, somos sensibilizados para o vazio, para adotar a prótese de nossas próprias convicções.*

Jean Baudrillard

Zygmunt Bauman (2001, p. 37) esclarece que vivemos um declínio da ilusão moderna de que encontraremos um fim do caminho, que a sociedade boa e justa possa ser alcançada. O sonho de que a razão e a ciência poderiam nos salvar, assim como, a ruptura dos fios estáveis que aparentemente tornavam à sociedade mais segura, bem como o bombardeio incessante de informações de toda a natureza mediada pela linguagem, e que tem se caracterizado pelo excesso de informação, ou como definida por Bauman (2008), a cultura dos excessos, está em constante movimento, criando assim, novas regras, novos códigos, novos símbolos, buscando outros caminhos – nem sempre obedecendo os preceitos éticos – para curar as feridas que desde sempre, embora sob novas configurações, angustiavam o homem. Como bem nota o professor e artista multimídia Edgar Franco, no prefácio de sua narrativa gráfica *BioCyberDrama Saga* (2016), juntamente ao

[...] salto da telemática, outros campos científicos vêm apresentando avanços inimagináveis, antes relatados apenas em obras visionárias da ficção científica. A genética vive um momento de descobertas grandiosas: a clonagem já é uma realidade, e é só uma questão de tempo para a ciência burlar os limites éticos, morais, religiosos e filosóficos que a clonagem de seres humanos impõe. Enquanto isso não acontece, o Projeto Genoma mapeou o código genético humano, descobrindo a chave para problemas e doenças hereditárias e ampliando as perspectivas das terapias com células-tronco. Os alimentos transgênicos já são uma realidade polêmica e alguns deles misturam genética vegetal e animal, criando hibridizações antes impensáveis, confundindo os limites entre gêneros vegetal e animal e vislumbrando a possibilidade futura de incorporar genes animais à espécie humana para tornar-lhe imune a certas doenças (FRANCO, 2016, p. 22).

Nesse contexto de transformações instantâneas e ideais de inovação, antigos fantasmas arcaicos também insistem em nos visitar. Os extremismos religiosos, políticos, de raça, etnia e de sexo eclodem em todas as partes do mundo. Aliado a tudo isso, a busca incessante pelo capital tem degradado não só as subjetividades – imbuídas de uma racionalidade cada vez mais materialista e consumista, mas também o espaço circundante. O século XXI parece sustentar sobre si um pesado relógio que está sempre a nos avisar de que já não há mais tempo. Dentre os medos mais latentes destes tempos, destacamos o divórcio do homem com seu meio ambiente, e para aquém disso, as consequências que essa desunião tem provocado no planeta a partir da instrumentalização da vida humana, cada vez mais voltada para a conquista tecnológica e a amplificação do capital financista.

Essa atual conjuntura propiciou o avanço do chamado “Pós-Humanismo”, priorizando a desconstrução acentuada do sujeito e da sua

individualidade pela ação de uma nova estrutura social que se torna cada vez mais tecnológica. Conforme Erick Felinto (2006), o termo

[...] pós-humanismo se caracteriza como uma atitude mental de abertura ao progresso tecnológico, por meio da qual se espera, em última instância, alcançar a superação das limitações que caracterizam a experiência humana (doenças, envelhecimento, morte). Como discurso da transcendência, o pós-humanismo almeja a expansão da consciência e de todas as capacidades corporais e intelectuais do homem. Para tanto, não hesita em defender o uso de biotecnologias, como manipulação genética, próteses e implantes, em favor da construção de uma nova humanidade “cibernética” e tecnologicamente projetada. É o que o *Extropy Institute*, por exemplo, denomina “princípio proacionário” (*proactionary principle*), noção que pode ser sintetizada na tese de que, na maior parte dos casos, os benefícios do uso das tecnologias são maiores que seus riscos (FELINTO, 2006, p. 111).

A passagem para o estágio “pós-humanista” pode ser melhor compreendida se nos debruçarmos sobre o conceito de hipermodernidade, termo proposto pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky (2007) para definir a sociedade ocidental balizada pelo acúmulo e pela orientação consumista. Para Lipovetsky, a hipermodernidade foi renunciada por três tempos. A primeira fase seria entre os anos de 1880 e 1945, onde as grandes lojas começaram a ser construídas, “[...] impulsionadas pela agora grande capacidade fabril de produzir mercadorias em massa e pela eficiente infraestrutura de transporte e comunicações, causando uma inicial democratização do consumo” (LIPOVETSKY, 2007, p. 27). A segunda fase começa a partir da Segunda Guerra Mundial, quando pela “[...] primeira vez, as massas têm acesso a uma demanda material mais psicologizada e mais individualizada, a um modo de vida (bens duráveis, lazeres, férias, moda) antigamente associados às elites sociais” (LIPOVETSKY,

2007, p. 33). E por fim, a terceira fase, que tem como objetivo, “[...] a ambiência de estimulação dos desejos, da euforia publicitária, a imagem luxuriante das férias, a sexualização dos signos e dos corpos” (LIPOVETSKY, 2007, p. 35).

Nesse sentido, o termo procura demonstrar a hipermodernidade como um cenário de excessos onde a vivência do indivíduo é acometida pela neurose individualista, a propagação de uma espécie de cibernarcisismo moldado pela devoção ao aparato tecnológico e o apagamento identitário que tem como base a descartabilidade acentuada dos valores subjetivos e coletivos. O individualismo abdica de qualquer valor social e procura novas configurações pessoais num mundo alicerçado pelo aparato tecnológico e legislado pelo teor imagético e consumista. De fato, tal cenário se utilizaria das multimídias e do consumismo hipertrofiado para instigar uma espécie de mercantilização das necessidades pessoais do indivíduo, cujo ato de se expor e consumir visa suplantar um vazio existencial agudo na medida em que procura se tornar outro a partir das mercadorias, aparatos tecnológicos e imagens que consome excessivamente. Assim sendo, a hipermodernidade acarretou uma série de reconfigurações no corpo coletivo e pessoal, numa dimensão que, nas palavras de Jean Baudrillard (2012), instaura o seguinte questionamento: até quando o indivíduo insulado no aparato multimidiático e tecnológico de uma sociedade hiperconsumista conseguirá

[...] negar o seu ser social numa dimensão artificial? O ser humano é um ser social? Seria interessante ver o que acontecerá no futuro com um ser sem estrutura social profunda, sem sistema ordenado de relações e de valores – na pura contiguidade e promiscuidade das redes, em pilotagem automática [...] (BAUDRILLARD, 2012, p. 12).

Afinado com as premissas de Lipovetsky e com o questionamento de Baudrillard, Edgar Franco, autor da obra *Artlectos e Pós-humanos*<sup>1</sup>, cria o universo da “Aurora Pós-Humana” para mostrar como o mundo poderá ser (re)configurado a partir do século XXI em diante, sobretudo pela exacerbação tecnológica e científica a serviço de uma sociedade cada vez mais corporativa e que acarretam significativas mudanças no corpo social e pessoal. Diz Franco:

Minha poética surgiu do desejo de vislumbrar um novo planeta Terra inspirado em perspectivas Pós-humanas. Um mundo futuro onde as proposições de ciberartistas e transhumanistas se tornam realidade, onde a raça humana, como a conhecemos, encontra-se em processo de extinção e o corpo e a mente estão reconfigurados e em constante mutação. Limites entre animal, vegetal e mineral estão se dissipando, a morte não é mais algo inevitável e novas formas de misticismo e transcendência tecnológica, a tecnognose (ERIK DAVIS, 1998), substituíram, quase por completo as religiões ancestrais (FRANCO, 2016, p. 30).

De fato, o universo da *Aurora Pós-humana* tem como inspiração as leituras de alguns outros ciberartistas, tais como Natasha Vita-More, Sterlac, Roy Ascott entre vários outros que serviram como

---

1. *Artlectos e Pós-humanos* é um título autoral de quadrinhos com periodicidade anual. A revista se propõe a editar HQs desenvolvidas por Edgar Franco no contexto do universo ficcional da *Aurora Pós-humana*. Ela tem um formato próximo ao meio-ofício lembrando os gibis tradicionais e apresenta capa colorida e miolo preto e branco, somando 32 páginas a cada número. O diferencial dos trabalhos presentes na revista está em sua proposta: HQs curtas sempre com novas personagens e sem uma conexão aparente, a não ser o fato de se passarem em distintas fases temporais do futuro pós-humano. O neologismo “Artlectos”, que compõe parte do título da série, refere-se à junção dos termos “Artificial” & “Intelectos”. Ver mais em FRANCO, Edgar; BARROS, Danielle. *Histórias em Quadrinhos, performance e vida: da “Aurora Pós-humana” à “Ciberpajelança”*. In REBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES Márcio dos Santos (organização). *Arte sequencial em perspectiva multidisciplinar*. Leopoldina: ASPAS, 2015, p. 46.

inspiração para a criação desse mundo que tem a possibilidade de existir devido aos excessos tecno-tele-científicos. Para Franco, a “Aurora Pós-humana” é vista como um:

[...] mundo de ficção científica criado com o objetivo de servir como ambientação a trabalhos artísticos em múltiplas mídias. Trata-se de um universo em constante expansão, que tem como base de inspiração os fenômenos recentes no campo da tecno-ciência, das poéticas ciberartísticas e dos movimentos trans e pós-humanistas” (FRANCO, 2016, p. 30).

Uma realidade que, segundo o professor Elydio dos Santos Neto (2012), reflete um futuro obscuro, desprovido de certezas claras acerca do homem e da noção de como irá se tornar o planeta que até então conhecíamos no princípio. Daí as narrativas de *Artlectos e Pós-humanos* se enquadrarem numa terminologia do gênero HQ definida em termos de quadrinhos poético-filosóficos. Tal terminologia começou a vigorar ainda nos anos 80,

[...] numa tentativa inicial de classificar esses trabalhos, eles foram chamados de “quadrinhos poéticos”, fazendo um paralelo com a literatura, ou seja, os quadrinhos tradicionais estariam para a prosa assim como os “quadrinhos poéticos” estariam para a poesia. Posteriormente a insuficiência conceitual do rótulo “quadrinhos poéticos” levou Edgar Franco a criar o termo “quadrinhos poético-filosóficos” (FRANCO, 1997, p. 54), anexando a palavra “filosóficos” à denominação por verificar que a maioria dos quadrinhistas desse gênero também apresentavam trabalhos com a pretensão filosófica de levar o leitor a refletir sobre alguma questão existencial (FRANCO, FORTUNA, 2015, p. 47).

No âmbito acadêmico, o termo foi adotado pelo professor Elydio dos Santos Neto em suas pesquisas acerca da arte sequencial brasi-

leira. Para o pesquisador, três seriam as características primordiais que definem uma HQ poético-filosófica: “1. A intencionalidade poética e filosófica; 2. Histórias curtas que exigem uma leitura diferente da convencional; 3. Inovação na linguagem quadrinhística em relação aos padrões de narrativas tradicionais nas histórias em quadrinhos” (SANTOS NETO, 2012, p. 90).

Danielle Barros, no livro *Processo criativos de quadrinhos poético-filosóficos: a revista Artlectos e Pós-humanos*, reforça a definição de “Aurora Pós-humana” criada por Edgar Franco como:

[...] um universo transmídia de ficção científica criado por Edgar Franco com o objetivo de servir como ambientação a trabalho artístico em múltiplas mídias. A poética surgiu do desejo de vislumbrar um novo planeta Terra inspirado em perspectivas pós-humanas. Um mundo futuro onde as proposições de cientistas, ciberartista e transumanistas tornaram-se realidade, no qual a espécie humana, como a conhecemos, está reconfigurado em constante mutação (BARROS, 2015, p. 15).

Como a autora afirma, o mundo criado por Franco está em constante mudança, e o aparato tecnológico acaba por facilitar as transmutações que ocorrerem com o ser humano. O próprio Edgar Franco reforça o argumento de Danielle Barros, afirmando que em seu universo criado, “[...] os pós-humanos podem ser criaturas mutantes cujos corpos são híbridos de humano e/ou animal, humano e/ou vegetal e humano e/ou silício. Também têm suas consciências expandidas por novos dispositivos perceptivos criados pelo avanço da biotecnologia, da robótica e da telemática” (FRANCO, 2016, p. 30).

Podemos perceber que no seu universo pós-humanista Franco traz várias formas de mutações do corpo humano, fusão entre espécies, formando assim corpos híbridos ou seja corpos com metade

humana e a outra formada por associações mecânicas ou orgânicas. Mas não para por aí, Edgar Franco também apresenta corpos que resultam de mutações cada vez mais inerentes ao espaço da virtualidade excessiva:

Outra categoria pós-humana corresponde aos seres que abandonaram seus corpos de base carbônica e passaram a habitar corpos robóticos, ou ainda que existem apenas como bloco de informação circulando por uma rede telemática avançada, uma espécie de internet/inconsciente coletivo presente nesse mundo ficcional (FRANCO, 2016, p. 30).

O novo mundo imaginado por Edgar Franco enfoca essas individualidades múltiplas e híbridas. Uma realidade que apresenta a fusão da tecnologia com os seres vivos, apresentando o indivíduo não só como o ser humano que conhecemos, mas com todas as transformações, mutações, hibridações e maneiras possíveis de se tornar algo totalmente distante da nossa compreensão. Para focar esse mundo distópico, Franco se vale, em seus quadrinhos poético-filosóficos, de alguns processos criativos específicos, tais como o conceito de musa – voz da intuição –, a sensualidade de Eros, em que “[...] a criatividade é um ato completamente sensual” (FRANCO, entrevista a Danielle Barros, 2013), a música, necessária para a ambiência das narrativas e, por fim, o mito da criação, que segundo Nadja Carvalho, permite que vislumbremos a ideia de procriação como

[...] uma composição entre humanos, animais, vegetais, máquinas, tecnologias. Comtempla uma reprodução de criaturas abiológicas, andróides e redes computacionais proto-inteligentes, baseadas em vidas artificiais que convivem com seres pós-humanos [...]. Boa parte do Eros em suas HQs representa amantes híbridos férteis, prevalece uma

vitalidade animal incontida entre as suas criaturas, como se vigorasse uma força biogenética que comanda o sexo (ou procriação artificial), independente do lugar que as partes sexuais se encontrem. Na conduta sexual das criaturas híbridas de Edgar, esteja ela representada do modo mais estapafúrdio, repulsivo, inconcebível, o ponto central é, e permanece sendo, a procriação (CARVALHO, 2012, p. 21-22).

Edgar Franco cria essa *Aurora Pós-Humana* para ampliar as possibilidades que o humano almeja, sempre amparado pelos avanços tecnológicos alicerçados tanto na área da virtualidade e da cibernética, quanto na área da biologia.

O mundo pós-humano de Edgar Franco é organizado tanto por espécies de humanos transmutados e/ou por classes. Nesse mundo tudo tem o seu lugar e a sua regra, idêntico à estrutura sócio histórica, política e cultural do mundo no qual vivemos atualmente. Diz Franco:

Concebi então que duas espécies se tornariam culturas antagônicas e hegemônicas, disputando o poder em cidades-estado ao redor do globo, enquanto uma pequena parcela da população – uma casta oprimida e em vias de extinção – insistiria em preservar as características humanas e em resistir às mudanças (FRANCO, 2016, p. 34).

Franco então deixa bem claro que a “raça humana” será minoria e as novas espécies criadas irão dominar amplamente o planeta, numa nova reconfiguração pós-humana, que fará desaparecer as antigas noções de humanidade e estruturação social que tanto tínhamos conhecimento. Franco ainda explica como será esse novo planeta e como ele chegou a esse patamar:

Nos séculos XXIII e XXIV, o degelo dos polos e os efeitos na camada de ozônio, além de uma série de catástrofes naturais, dizimaram bilhões de pessoas. Toda a geografia planetária foi reconfigurada, e as

áreas não cobertas pelo mar reduziram-se em um quinto. [...] No século XXV, a população da Terra se resumia em 45 milhões de habitantes, espalhados em seis novos continentes (FRANCO, 2016, p. 48).

E com o passar dos séculos cada vez mais as novas espécies vão se expandindo na Terra pós-humana, agora reconfigurada em seis continentes: Vitea, Kacnea, Orlania, Ascotia, Christea e Stelarquia. Continentes que mostram como o planeta mudou após a era humana. Franco explica em qual área da Terra ficou cada continente:

Vitea: É a única extensão de terra que restou de toda a América do Norte, correspondente a um terço da região sudeste dos antigos Estados Unidos e a uma pequena parte do norte do México.[...] Kacnea: [...] O continente é composto por duas grandes extensões de terra, a maior e mais importante delas correspondendo a áreas que englobavam o Planalto Central brasileiro e os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, partes da Amazônia e países como Venezuela, Colômbia e Paraguai.[...]. Orlania: O continente é composto por três extensões de terra – uma ao norte que corresponde a parte da antiga Europa; outra ao centro-sul, a maior delas, que engloba áreas da antiga África do Norte, e a terceira a sudoeste que abrange territórios da antiga África Central.[...] Christea: Engloba áreas antigamente pertencentes a países como China, Mongólia e Índia.[...]. Stelarquia: Corresponde a uma grande área da antiga Austrália [...]. Ascotia: [...] Sua maior área se encontra ao norte da antiga Rússia (Sibéria) e do Cazaquistão. [...] (FRANCO, 2016, p. 49- 50).

Os antigos continentes foram reconfigurados geograficamente na “Aurora Pós-humana”, restando somente as áreas restritas, como podemos ver no mapa a seguir:

## MAPA GEOGRÁFICO DA AURORA PÓS-HUMANA

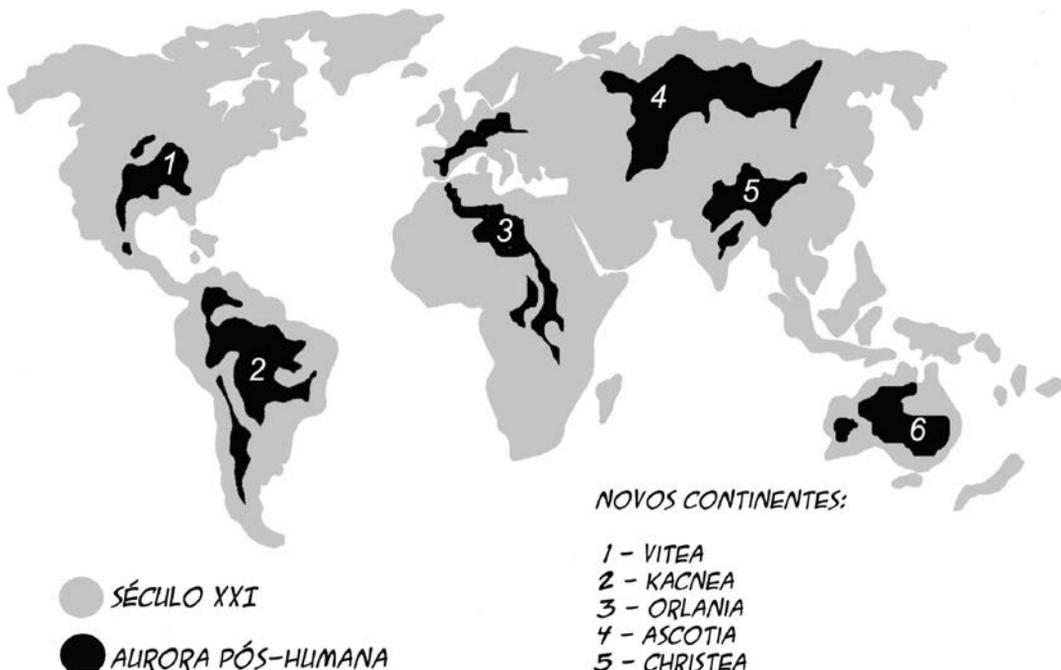


Imagem 1: A reconfiguração geográfica dos continentes na *Aurora Pós-humana*

Edgar Franco divide a população em espécies mais dominantes e menos dominantes, sendo assim, apresenta, percentualmente e quantitativamente, certas espécies com um grau de superioridade maior que outras, inferiorizadas:

O planeta é controlado pelas duas tecnoculturas dominantes. Os extropianos, na condição de espécie mais poderosa, [...]. Os tecnogénéticos, por sua vez, possuem maior número de representações nas cidades-estados de dois continentes [...]. Número total de habitantes da Terra: oscila entre 100 e 110 milhões de habitantes há três séculos. População extropiana: abrange 60 a 65 milhões de habitantes (60%)

[...]. População tecnogenética: engloba 35 a 38 milhões de habitantes (35%). [...]. População resistente: restringe-se de 5 a 6 milhões de habitantes (5%). [...] (FRANCO, 2016, p. 51).

A criação da *Aurora Pós-humana* foi totalmente pensada e esquematizada para se pensar como o advento da tecnologia e da ciência irão reconfigurar um futuro que se desenha cada vez mais incerto e desalentador. Desse modo, as narrativas de Franco pretendem discutir tais implicações no âmbito da contemporaneidade, sobretudo a partir da criação desse universo pós-humano que coloca em evidência a representação ficcional de um tempo hipotético, porém extremamente instigante e problemático. Conforme Franco:

A Aurora Pós-Humana continua se expandindo, e sua reavaliação e reestruturação constante são um exercício instigante, enriquecido pelas possibilidades abertas por sua dinâmica estrutural. Esta é pensada com base nas questões contemporâneas das ciberartes, das ciências e das filosofias que analisam o impacto das novas tecnologias sobre nosso destino” (FRANCO, 2016, p. 55).

## Capítulo II

### Por uma leitura de *Artlectos e Pós-humanos*, de Edgar Franco, o Ciberpajé

*Novos sistemas hipertecnológicos,  
velhos desejos pré-históricos cutucando  
neurônios pós- orgânicos.  
Ciberpajé. HQforismo Ancestral Desejo*

O primeiro volume de *Artlectos e Pós-humanos* traz a narrativa *Anunciação*, em que Edgar Franco procede uma releitura pós-humana para o mito judaico-cristão, quando a Virgem recebe a visita do Anjo Gabriel que vem anunciar sua futura concepção divina. Aqui, a figura do ser híbrido que remete à figura bíblica aparece retratada com olhar sisudo, posicionado ao centro do requadro, e com seu porte realçado pelo recurso expressivo de *contra-plongée*<sup>2</sup>, o que lhe confere um ar de autoridade e imponência:

---

2. Recurso expressivo muito comum nas artes visuais em que um determinado ser ou objeto são vistos de baixo para cima, situando a visão do espectador abaixo e engrandecendo o ser ou objeto na tela, o que acaba por gerar uma sensação de grandiosidade e superioridade do que está sendo filmado em relação ao observador. Ver mais em <http://cineadcap.blogspot.com/2009/06/plongee-e-contraplongee.html>.

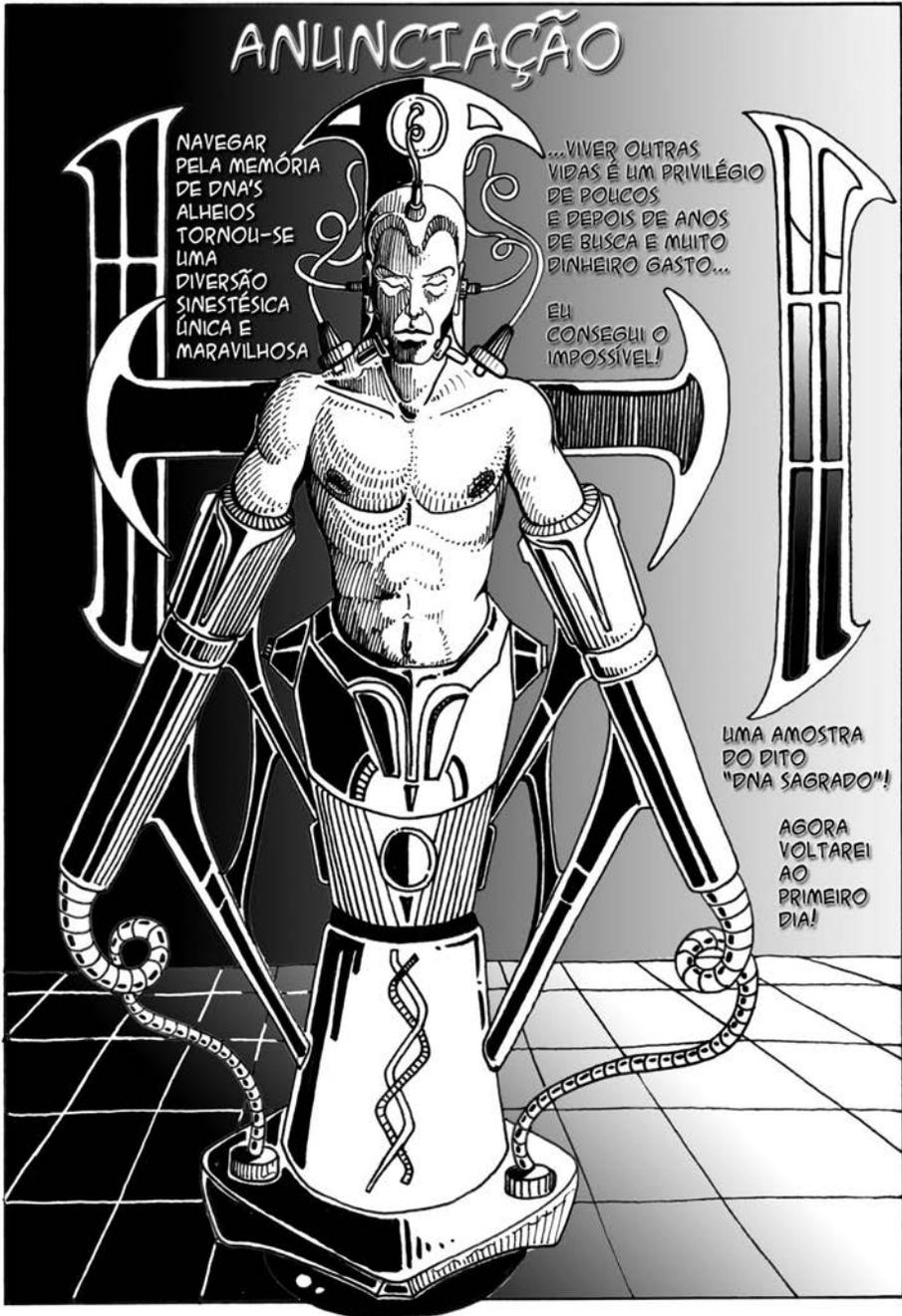


Imagem 2: O “anjo” da Anunciação é substituído por um ser híbrido

Aqui, a ambientação sugere uma sociedade hipertecnológica e atemporalmente futurística em que o princípio da concepção veiculado a sangue e carne, ao corpo em si, se tornara obsoleta, sendo substituída por criaturas híbridas – humanimais – dotados de inteligência artificial e com consciência e memória humanas transplantada em chips de silício. Nessa narrativa, Franco nos apresenta o emissário divino como aquele incumbido de subverter a ordem mítica e natural na qual é atribuída a criação da vida e a ordem natural (biológica), ou seja, a perpetuação da raça biológica é vista como uma lei genética que pode ser subvertida e quando viável, também retomada, uma vez que nessa realidade, a consciência humana se tornou um chip que pode ser implantando em qualquer corpo – cibernético e híbrido – e as cadeias de DNA podem ser constantemente alteradas, pois como nota Haraway (2000), a transmutação do corpo, agora visto como híbrido e “[...] ciborgue pula o estágio da unidade original, da identificação com a natureza, no sentido ocidental. Essa é sua promessa ilegítima, aquela que pode levar à subversão da teleologia que o concebe [...]” (HARAWAY, 2000, p. 39).

É o que pode ser evidenciado na imagem 3, sobretudo no que se refere a um processo de concepção pautado pela ideia de transmutação e hibridização genética, em que o corpo feminino humano – relacionado aos 5% de Resistentes que integram a *Aurora Pós-humana* – agora passa por um processo de fecundação *in vitro* realizado por um humanimal, e que acabará gerando um ser híbrido, mesmo proveniente de um útero humano.

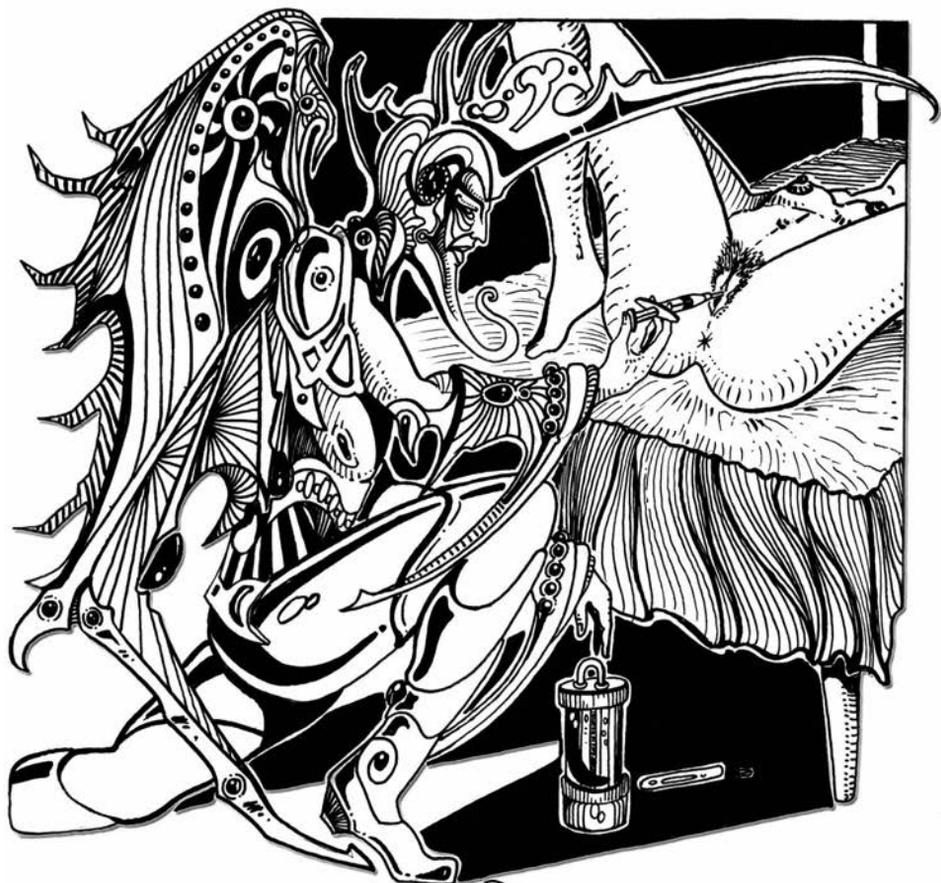


Imagem 3: A imaculada concepção híbrida

Nesse ponto, a

[...] *Aurora Pós-humana* é um universo em expansão, já que constantemente estão sendo agregados a ela dados e novas características que regem essa futura sociedade pós-humana. O desejo de Edgar Franco ao criá-la, não foi apenas refletir sobre o que os avanços tecnológicos futuros poderão significar para a espécie humana e para o planeta, mas também produzir uma ambientação que gere o “deslocamento conceitual” descrito por Philip K. Dick (*apud* QUINTANA, 2004) e assim criar obras que discutam a implicação dessas tecnologias no panorama contemporâneo, ou seja, problematizar o presente por meio de narrativas e obras deslocadas para um futuro ficcional hipotético. A ideia inicial foi imaginar um futuro, não muito distante, onde a maioria das proposições da ciência & tecnologia de ponta fossem uma realidade trivial, e a raça humana já tivesse passado por uma ruptura brusca de valores, de forma física e conteúdo – ideológico/religioso/social/cultural. Um futuro em que a transferência da consciência humana para chips de computador seja algo possível e cotidiano, onde milhares de pessoas abandonarão seus corpos orgânicos por novas interfaces robóticas. Também que neste futuro hipotético a bioengenharia avançou tanto que permite a hibridização genética entre humanos, animais e vegetais, gerando infinitas possibilidades de mixagem antropomórfica, seres que em suas características físicas remetem-nos imediatamente às quimeras mitológicas (FRANCO, FORTUNA, 2015, p. 43-44).

Em outra narrativa presente no primeiro número de *Artlectos e Pós-humanos, Igualdade*, a natureza humana volta a ser discutida a partir da concepção “natural” de uma criança que vai se revelar, ao final da narrativa, não totalmente artificial e tampouco humana:



Imagem 4: O ritual do batismo

O primeiro requadro já deixa antever a cena de um batismo nos moldes do cristianismo (exceto pela palavra neto) em que o sacerdote, em posição de destaque, ocupando um plano elevado em relação aos pais, administra o sacramento ao bebê, que no cristianismo corresponderia ao ritual de libertar essa criança dos pecados mundanos e regenerá-la como um filho de Deus. Mas o transcorrer da narrativa vai demonstrar que tal criança não pode ser associada a uma ordem natural, como uma criação divina, concebida a partir de uma concepção biológica obsoleta e cujo batismo, prática ancestral, irá ampará-la pela água e pela palavra divina – *baptismus est sacramentum regenerationis per aquam in verbo*.

O segundo requadro insinua discussões em torno da prática ancestral do batismo numa sociedade hipertecnológica e asséptica, que caíra em desuso na era pós-humana, mas que agora é retomada na tentativa de uma espécie de reconexão com o humano primordial e perdido. Porém, essa retomada vai se dar num sentido totalmente desvinculado da doutrina cristã e da técnica biológica de reprodução, uma vez que o último requadro expõe o triunfo da gestação artificial, com a criança alimentada por uma parafernália tecnológica, exposto numa cruz tecnológica que remonta a múltiplos renascimentos na medida em que o corpo híbrido e cibernético vai sendo reenergizado constantemente. Na *Aurora Pós-humana*, o ser híbrido e cibernético “[...] não sonha com uma comunidade baseada no modelo da família orgânica mesmo que, desta vez, sem o projeto edípico. O ciborgue não reconheceria o Jardim do Éden; ele não é feito de barro e não pode sonhar em retornar ao pó” (HARAWAY, 2000, p. 39-40).



Imagem 5: o direito ancestral ao batismo

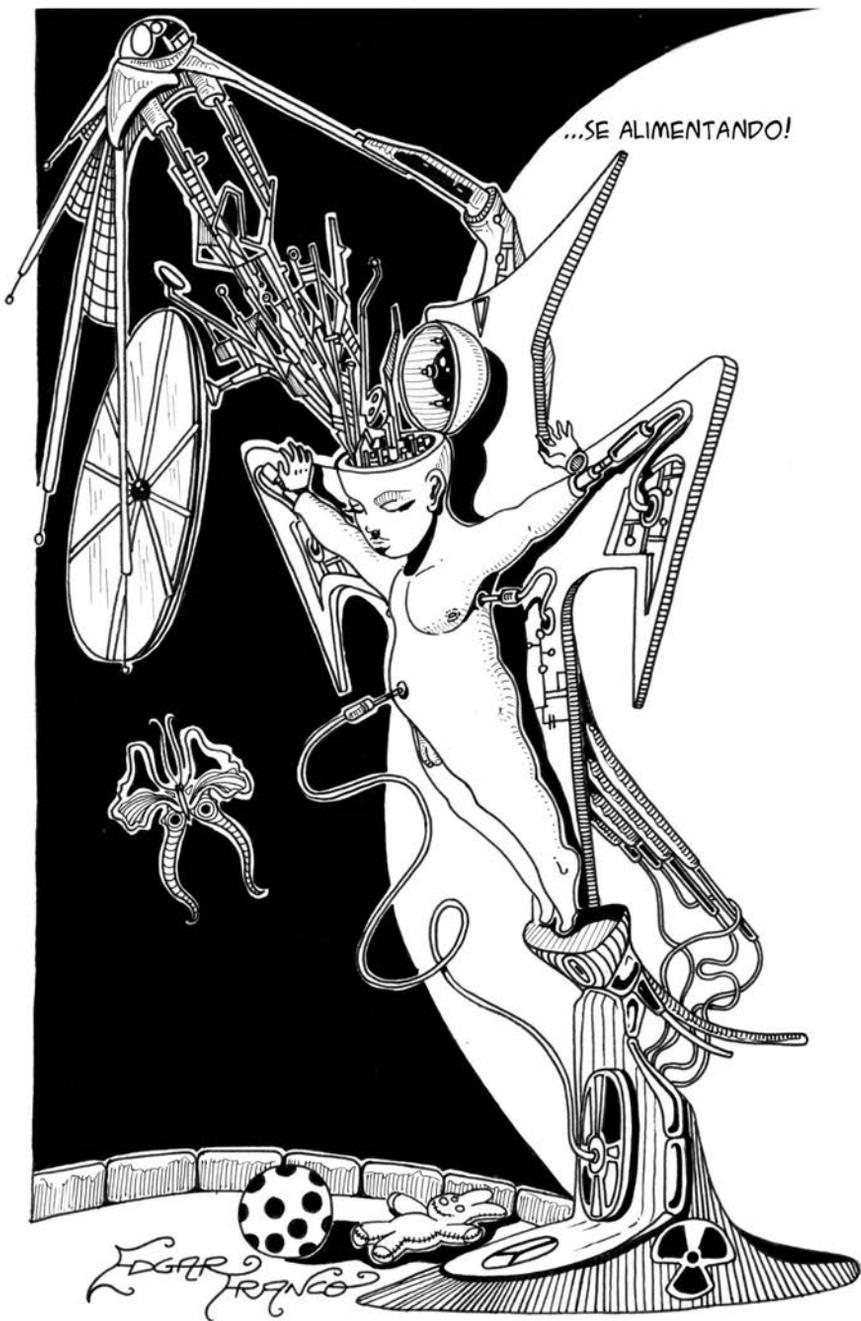


Imagem 6: Uma cruz tecnológica

A premissa da concepção artificial talvez seja mais radicalizada na narrativa *Parto*, presente no segundo número de *Artlectos e Pós-humanos*. Úteros artificiais foram banalizados ao se tornarem recorrentes no futuro distópico da *Aurora Pós-humana*. Seu largo uso indiscriminado faz com que sejam comparados a eletrodomésticos triviais. O primeiro requadro (imagem 7) acaba enfocando essa serialidade inerente à produção de seres híbridos. Serialidade que fica evidente na divisão das etapas que apresentam a fecundação num útero artificial alimentado pelo aparato tecnológico:



Imagens 7 e 8: Úteros artificiais contra a dor da reprodução antiquada

OS NOVOS PÓS-HUMANOS  
ESTÃO LIVRES DESSE TRAUMA,  
APENAS LEVANTAM-SE DE  
SEUS ÚTEROS-LIQUIDIFICADORES  
QUANDO ATINGEM O  
ESTÁGIO DE  
MATURAÇÃO  
FINAL



MAS  
APESAR  
DE  
NASCEREM  
SORRINDO...

Imagem 9: O parto insípido pós-humano

...OS QUE TÊM  
SENSIBILIDADE  
PARA PERCEBER...

...OBSERVAM UMA  
PROFUNDA TRISTEZA  
ENIGMÁTICA EM SEUS  
SEMBLANTES...



INSPIRADA NAS REFLEXÕES DE STANISLAV GROF E DEDICADA A ELYDIO DOS SANTOS NETO

Imagem 10: Resignações pós-humanas

Todo esse processo se dá porque o ser humano pretende se livrar da dor – o nascimento via metodologia médica tradicional acaba sendo visto como um tormento, um suplício a ser evitado, tal como a imagem 8 deixa evidente.

Esse novo ser gerado pelo processo de serialização e maturado nos “úteros- liquidificadores” acaba sendo privado do ciclo da existência e tampouco irá desfrutar de seus componentes na sua trajetória – dor, alegria, angústia. Os novos pós-humanos devem abdicar ao máximo de suas angústias, somente alguns devem ter noção “[...] da profunda tristeza enigmática em seus semblantes” – tal como a imagem 10, com o ser híbrido em posição de destaque e com o semblante resignado, sugere. Resignação que deixa evidente que os dilemas da alma humana ainda permanecem nos seres híbridos da *Aurora Pós-humana*. É para suprir tais angústias que as individualidades contemporâneas recorrem aos

[...] mais variados recursos para acelerar as satisfações das necessidades. O crédito financeiro, por exemplo, como uma ferramenta que permite conseguir mais rapidamente o que se deseja. O ponto nevrálgico da discussão é que essas necessidades não são outras senão aquelas criadas pelo capital, e elas são renovadas no mesmo ritmo alucinante em que são satisfeitas. Quando os nascimentos de desejos são abreviados, e o tempo até sua satisfação também se torna mais curto, o resultado é que “abreviam o tempo de vida dos objetos de desejo, ao mesmo tempo que suavizam e aceleram sua viagem em direção à pilha de lixo”. (BAUMAN, 1996: p. 137/8). É sobre essa superfluidade que trata também Baudrillard, escrevendo no período que seria o princípio dessa forte aceleração que vivemos de meados ao final do século XX. Nesse caso, o fútil e o funcional se confundem: o design passa a ditar as regras de construção dos objetos, a moda torna-se um elemento fundamental, e o supérfluo ganha status de primeira necessidade (GAMBARO, 2012, p. 25).

Desse modo, a dor do parto, que priva seu genitor, acabará privando também esses novos pós-humanos recém-nascidos. Dor que depois será substituída pela angústia de uma existência vazia, supérflua e insípida, uma vez que tais seres híbridos foram gerados obedecendo a uma linha de montagem que obedece a estratégias de instantaneidade produtiva que os relega a uma condição de produto descartável, a mesma lógica presente nos “[...] setores de vestuário, aparelhos domésticos, automóvel, apartamento [que] obedecem [...] a normas de renovação acelerada, mas cada um segundo o seu ritmo – variando, aliás, a obsolescência relativa conforme as categorias sociais” (BAUDRILLARD, 1996, p. 18).

Também no segundo número de *Artlectos e Pós-humanos* encontramos a narrativa *brinGuedoTeCA*, cujo enredo enfoca um parque de diversões para crianças pós-humanas – que coloca em funcionamento uma série de jogos praticados pelos humanimais e tendo os ciborgues como produtos que servem de meio de diversão. A imagem 11 já deixa evidente o que nesses “playgrounds pós-humanos” os ciborgues/androides substituem a realidade simulacional – coreografada e violentíssima – de certos jogos virtuais por uma interação sádica que se estabelece entre os humanimais – jogadores – e os ciborgues/androides e híbridos – produto do jogo. Se o título da narrativa, a partir do trocadilho e da evidência às letras maiúsculas – GTCe A, referência à base nitrogenada de nucleotídeo do DNA, guanina, timina, citosina e adenina – além de desvelar a inevitável manipulação genética que a maior parte dos seres se submeteu na *Aurora Pós-humana*, também enfatiza como alguns seres se submeteram à condição de mero objeto patenteadado para servir como diversão sádica para as crianças – humanimais e até mesmo humanas. E isso fica evidente na postura submissa assumida pelas criaturas cibernéticas, subordinadas à tirania infantil dos jogadores. Isso fica também evidenciado na imagem 12.

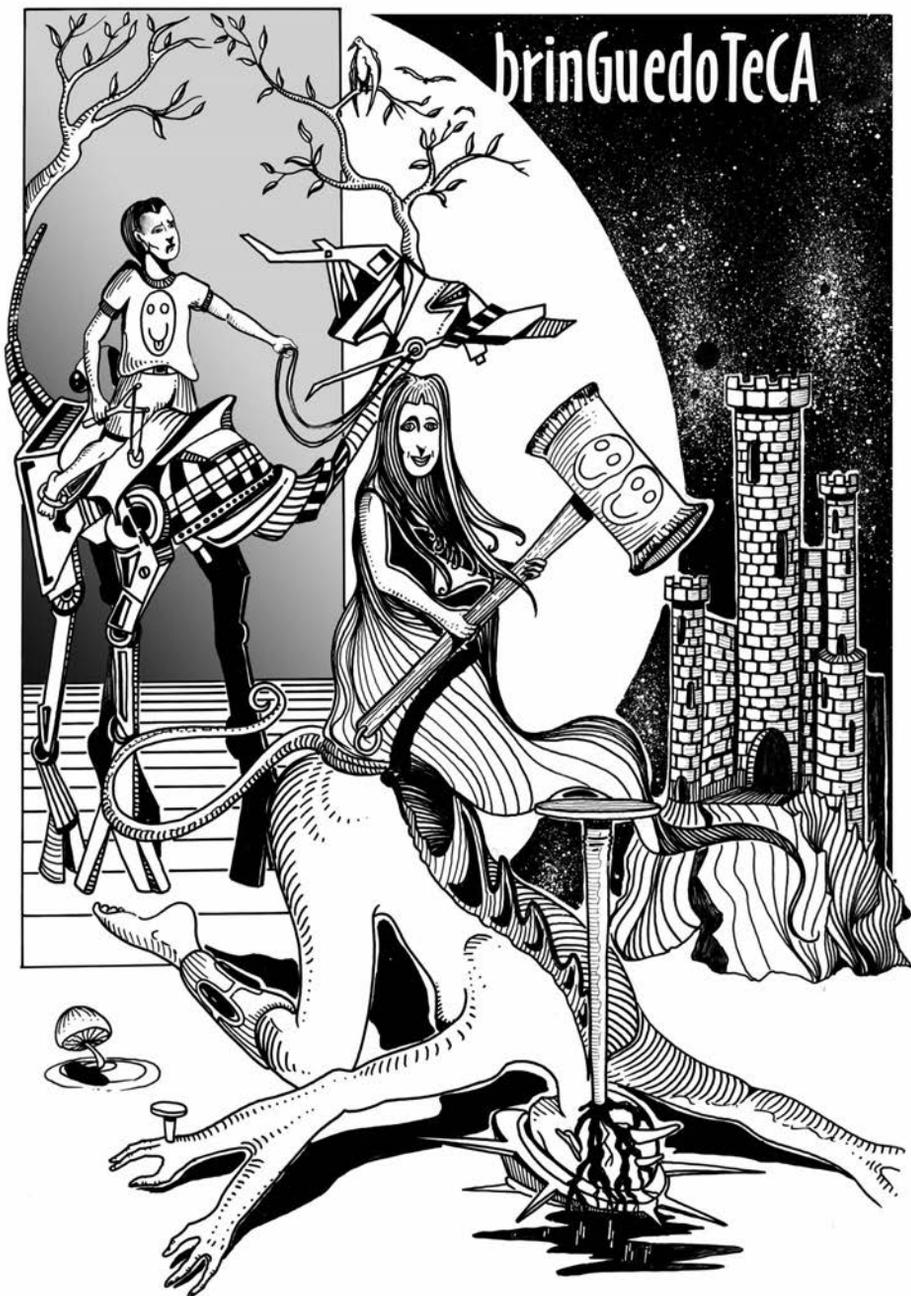


Imagem 11: O playground da Aurora Pós-humana



Imagem 12: A tirania infantil dos humanimals

A narrativa também trata da perda da autonomia do ser por um processo de objetificação e descartabilidade. E na sociedade virtual do hiperespetáculo, tal objetificação chegou a um patamar hiper, deixando o universo dos games e adentrando a realidade material para servir de hiperespetáculo individualista. Nessa narrativa fica evidente que a humanidade e os elementos que regem a conduta social passaram a ser avaliados como “coisa”, ou seja, quanto a sua utilidade e capacidade de satisfazer certos interesses juvenis. O ser já desumanizado se converte em num hiperespetáculo, agora maximizado no plano material para deleitar a outros seres igualmente desumanizados. Nesse ponto, as imagens 13 e 14 são modelares. Conforme Franco e Barros:

A destruição sádica dos avatares inimigos nos games é substituída na HQ *brinGuedoTeCA* pela vivissecação dos novos brinquedos biotecnológicos patenteados pelas multinacionais. As antigas coreografias virtuais tornam-se novas experiências de crueldade divertida para essas crianças de moralidade reestruturada pelos processos tecnológicos. O trabalho reflete sobre a aceleração da coisificação da vida através dos processos de criação e patenteamento de seres híbridos, trata também de possíveis reestruturações na ordem moral e ética humana a partir dos ditos avanços tecnológicos (FRANCO, BARROS, 2015, p. 34).

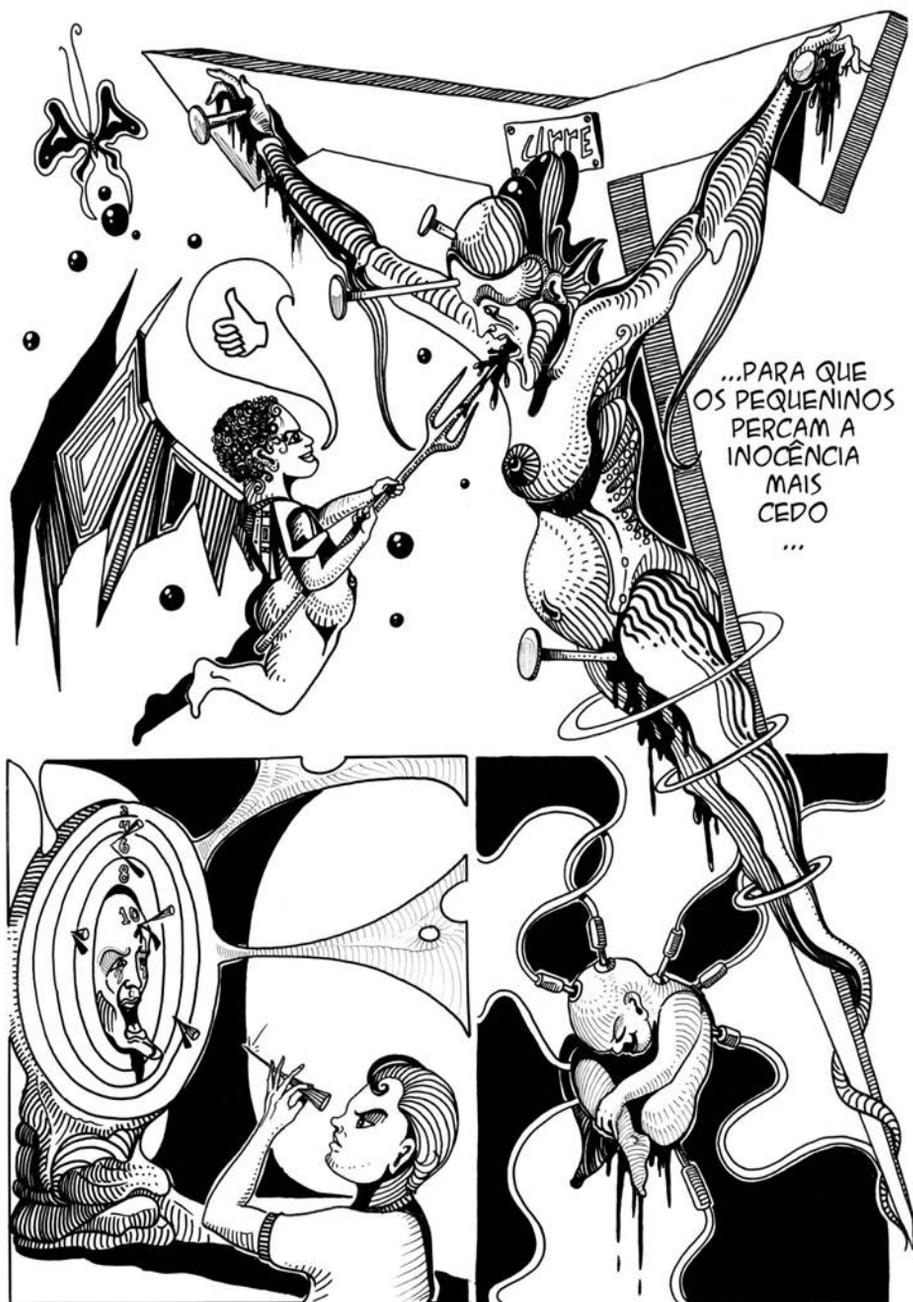


Imagem 13: A inocência pós-humana



Imagem 14: A moralidade e a ética vistas a partir dos avanços tecnológicos

Esse individualismo hiperbólico e alicerçado na era hiperespetacular deixa evidente que a busca pela felicidade acaba por se tornar um fetiche tecnológico e consumista, e como qualquer mera mercadoria ou divertimento, pode ser adquirido, usufruído e descartado. Desse modo, a cultura da felicidade hipermoderna induz o indivíduo a uma busca crônica pela satisfação, fazendo desaparecer o sentido de responsabilidade moral do qual alude Lipovetsky em *A felicidade paradoxal*.

Na modernidade a ideia da felicidade como valor supremo foi pensada em termos de uma espiral voltada para o progresso e em busca de um bem-estar social que acabaria por se realizar. Quando essa premissa moderna ruiu, a era hipermoderna balizada pelo hiperconsumo fundou a noção de uma felicidade que deveria se realizar instantaneamente, no presente imediatista e adepto aos prazeres momentâneos e instantâneos, tal como o *playground* sádico pós-humano. Para Lipovetsky:

É em nome da felicidade que se desenvolve a sociedade de hiperconsumo. [...] Nesse contexto, guias e métodos para viver melhor fervilham, a televisão e os jornais destilam conselhos de saúde e de forma, os psicólogos ajudam os casais e os pais em dificuldade, os gurus que prometem a plenitude multiplicam-se. Alimentar-se, seduzir, relaxar, fazer amor, comunicar-se com os filhos [...] quais esferas ainda escapam as receitas da felicidade? Passamos do mundo fechado ao universo infinito das chaves da felicidade: eis o tempo do treinamento generalizado e da felicidade “modo de usar para todos” (LIPOVETSKY, 2007, p. 336).

## Considerações finais

**A** *Aurora Pós-humana* de Edgar Franco consolida-se como um universo artístico dos quadrinhos poético-filosóficos nacionais, que a partir de um traço experimental, procuram conciliar debates existenciais e posicionamentos críticos acerca de um social condicionado pela esfera da hipermodernidade. A concepção da arte de Edgar Franco, como ele mesmo afirma, foi criar um universo ficcional futurista não muito distante da nossa realidade hipermoderna e

[...] por sua ampla abrangência conceitual, tem servido de ambientação ficcional para minhas criações em múltiplas mídias: histórias em quadrinhos, HQtrônicas (histórias em quadrinhos eletrônicas) – como *Ariadne e o Labirinto Pós-Humano* e *NeoMaso Prometeu*; *HQforismos*; música eletrônica de base digital – nos CDs das bandas *Posthuman Tantra*, *Posthuman Worm* e do projeto musical *Ciberpajé*; *web art* – como no site *O Mito Ômega*, baseado em vida artificial e algoritmos evolucionários; instalações interativas – como *Imóville Art* apresentada na *Mobile Fest* no *MIS SP* em 2009; ilustrações híbridas; aforismos; videoclipes; animações e chegando às performances multimídia com o projeto musical performático *Posthuman Tantra*. A criação de histórias em quadrinhos ambientadas na *Aurora Pós-humana* tem sido explorada principalmente em dois contextos: a trilogia *BioCyberDrama*, parceria com o lendário quadrinista *Mozart Couto*, tendo a primeira parte lançada pela editora *Opera Graphica* em 2003 e a saga completa em um álbum intitulado *BioCyberDrama Saga* pela editora da *UFG* [...]; e a revista de quadrinhos experimentais *Artlectos e Pós-humanos* (FRANCO, 2017, p. 26-27).

A obra de Franco se refere a uma sociedade em que a exasperação da tecnologia e da comunicação trouxe novas configurações no âmbito sociológico, geográfico e subjetivo – sobretudo com a mudança de corpos, mentes e “almas”. De fato, a *Aurora Pós-humana* demonstra como em um futuro não muito distante, a nova realidade surgida com o advento da tecnologia trará mudanças significativas no ser humano, a partir das alterações e manipulações de genes e DNA humano, no clima atmosférico e na reconfiguração social do mundo no qual vivemos atualmente. Nos adaptarmos a tais mudanças será a única saída viável para tentarmos sobreviver a esse novo mal-estar configurado nesses tempos hipermodernos, pós-humanos e pós-humanistas. Como enfatizam Lypovetsky e Serroy:

O mundo hipermoderno, tal como se apresenta hoje, organiza-se em torno de quatro polos estruturantes que desenham a fisionomia dos novos tempos. Essas axiomáticas são: o hipercapitalismo, força motriz da globalização financeira; a hipertecnificação, grau superlativo da universalidade técnica moderna; o hiperindividualismo, concretizando a espiral do átomo individual daí em diante desprendido das coerções comunitárias à antiga; o hiperconsumo, forma hipertrofiada e exponencial do hedonismo mercantil. Essas lógicas em constantes interações compõem um universo dominado pela tecnicização universalista, a desterritorialização acelerada e uma crescente comercialização planetarizada. É nessas condições que a época vê triunfar uma cultura globalizada ou globalista, uma cultura sem fronteiras cujo objetivo não é outro senão uma sociedade universal de consumidores. Mercado, tecnociência, indivíduo: entregues apenas a si mesmos, esses princípios organizadores dominantes fizeram nascer uma cultura-mundo sem precedentes na história, geradora de um novo “mal-estar na civilização”, de uma nova relação cultural com o mundo (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 32).

Na *Aurora Pós-humana* as transmutações se dão tanto no corpo social quanto no biológico. No entanto, o corpo vai se tornando como algo cada vez mais obsoleto, podendo ser reconfigurado e modificado de várias maneiras, o que faz com que a maior parte dos seres da Terra almejem ser geneticamente modificados para viver eternamente, tendo o ápice desse processo na transferência da consciência para um *chip*, tornando possível a utopia da imortalidade e o armazenamento de lembranças e memórias que podem vir a ser acessadas a qualquer momento.

Nesse universo hipotético, porém calcado na hipermodernidade, Edgar Franco traça múltiplas possibilidades de transformações nas quais o ser humano terá infinitas maneiras de transformar-se em quem e no que quiser, trazendo assim sucessivas rupturas no todo social, tanto na ordem do conhecimento, da religiosidade, da moralidade e das convenções sociais, fazendo com que o mundo que conhecemos atualmente seja totalmente reconfigurado, e se revele tanto deslumbrante na sua imponência tecnicista, quanto ameaçador na sua essência humanística.

## Referências

BAUDRILLARD, J. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. Big Brother: telemorfose e criação de poeira. In *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 17, abril 2002.

\_\_\_\_\_. *A economia política dos signos*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARVALHO, Nadja. *Edgar Franco e suas criaturas no Banquete de Platão*. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2012.

GAMBARO, D. (2012). *Bourdieu, Baudrillard e Bauman: o consumo como estratégia de distinção*. *Novos Olhares*, 1(1), 19-26.

FELINTO, Erick. A comunicação dos autômatos: sobre o imaginário do pós-humanismo na internet. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 11, p. 107-124, jun. 2006.

FRANCO, Edgar. *Artlectos e Pós-humanos*. Jaú, SP: SM Editora. N. 1 (2006), n. 2 (2007).

\_\_\_\_\_. *Quadrinhos expandidos: das HQtrônicas aos plug-ins de neocortex*. Paraíba: Marca da Fantasia, 2017.

FRANCO, Edgar; COUTO, Mozart. *BioCyberDrama Saga*. Goiânia: Editora da UFG, 2016.

FRANCO, Edgar; BARROS, Danielle. *Processos criativos de Quadrinhos Poético-filosóficos: a revista Artlectos e Pós-humanos*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.

\_\_\_\_\_. *Histórias em Quadrinhos, performance e vida: da “Aurora Pós-humana” à “Ciberpajelança”*. In REBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES, Márcio dos Santos (organização). *Arte sequencial em perspectiva multidisciplinar*. Leopoldina, MG: ASPAS, 2015.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In \_\_\_\_\_. SILVA, Tomaz T. (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS NETO, Elydio dos. *Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco: textos, HQs e entrevistas*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.

Site: <http://ciberpaje.blogspot.com.br/>

## Anexos



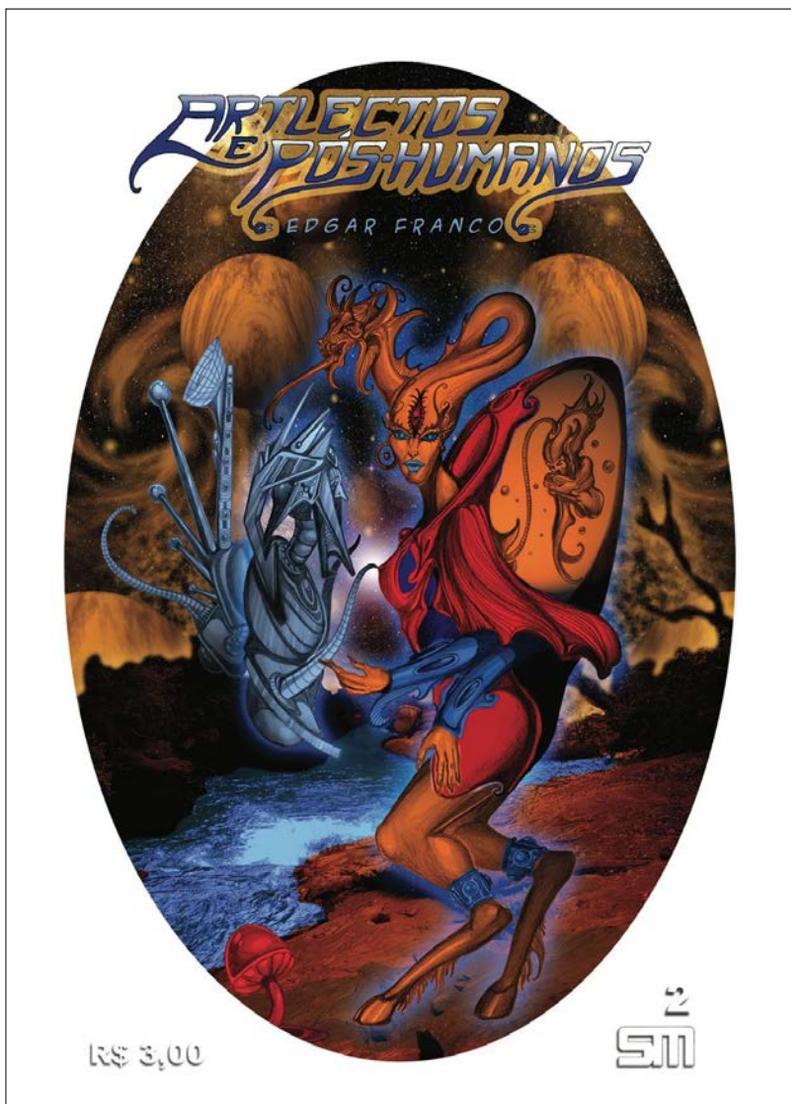
O professor e artista transmídia Edgar Franco, Ciberpajé

# ARTLECTOS E PÓS-HUMANOS

EDGAR FRANCO



Capa de *Artlectos e Pós-humanos* n. 1, 2006



Capa de *Artlectos e Pós-humanos* n. 2, 2007



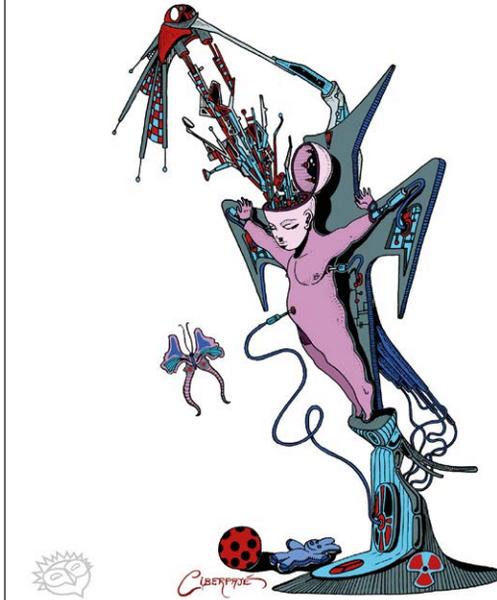
Sou **Giovane Corrêa Rojas**, tenho 27 anos de idade. Na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em 2019, conheci o Professor Doutor Gilson Vedoin na disciplina Teoria Literária II, do curso de Letras. Conversando sobre vários possíveis temas para um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), comentei sobre filmes e séries que gostaria de trabalhar em um projeto. Logo depois ele me apresentou Edgar Franco, o Ciberpajé, e as narrativas da série de revistas *Artletos & Pós-humanos*, que vinham a calhar com minha ideia inicial. A partir daí comecei a estudar a obra do grande Ciberpajé.

Muitas pessoas na minha graduação duvidaram da conclusão desse trabalho, que agora está sendo publicado em forma de livro. Isto vem demonstrar que todo esforço e tempo dedicados a esse feito não foram em vão. Agradeço muito ao meu orientador Gilson Vedoin por acreditar na minha capacidade, a Edgar Franco por toda a ajuda, a Henrique Magalhães por divulgar o meu trabalho junto a editora Marca de Fantasia e a todas as pessoas que acreditaram em mim, em especial minha família e amigos.

Giovane Corrêa Rojas

## ARTLECTOS E PÓS-HUMANOS

Da Aurora Pós-humana às novas configurações sociais



A obra de Edgar Franco traz ao campo da arte o conceito de “Aurora Pós-humana”, universo transmídia de ficção científica distópica em que a realidade material se encontra em processo de dissolução e a espécie humana em vias de extinção a partir das reconfigurações corpóreas e mentais operadas pelo avanço exacerbado da ciência e da tecnologia. Este ensaio analisa, através dos recursos expressivos em quatro narrativas da revista *Artlectos e Pós-humanos*, a problematização de um contemporâneo cada vez mais em desagregação.